

LUTO INFANTIL: UM ESTUDO ATRAVÉS DAS REPRESENTAÇÕES

Aline dos Santos Kappel

Professor: André Ricardo Gonçalves Dias

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Curso Pedagogia (0231) – Trabalho de Graduação

22/05/2013

RESUMO

A finalidade deste estudo foi investigar as consequências do luto infantil. Nesse sentido, a pesquisa tenciona aproximar-se da temática através das representações de 25 crianças entre 9 e 13 anos de idade, alunos de uma escola pública da zona rural do município de São Jerônimo, durante o primeiro trimestre de 2013. Este estudo classifica-se como qualiquantitativo. Procedeu-se entrevistas individuais com crianças que estavam presentes nas escolas durante o intervalo das aulas. Posteriormente buscaram-se os dados pessoais e mostraram-se imagens relacionadas ao tema e um breve questionamento. Como resultado, percebe-se a necessidade de refletir sobre o tema proposto, bem como a utilização das representações sociais como recurso metodológico, visto que sua utilização possibilitou ampliar e conhecer melhor as concepções que as crianças fazem sobre a morte e, a partir destas observações, diagnosticar quais os meios mais adequados para os professores abordarem o tema no ambiente escolar.

Palavras-chave: Luto infantil. Crianças. Educação.

1 INTRODUÇÃO

Entre os temores do ser humano, sem dúvida, o maior deles é a morte. Falar sobre este tema é difícil, principalmente no que se refere ao processo do luto infantil, pois ainda hoje persiste uma severa resistência da família enlutada, que diante deste fato reage de forma a omitir a verdade ou sustentar argumentos fantasiosos ou divinos, com o propósito de preservar a criança do que aconteceu.

Bowlby (1973), um dos autores citados neste trabalho, expõe que a morte é um tema bastante doloroso e complexo para o entendimento e compreensão no universo

adulto, e dentro deste contexto torna-se evidente a dificuldade que o adulto tem ao ter que tratar deste mesmo tema com a criança, tornando-se difícil compreender e elaborar o processo do luto de forma natural.

É comum professores encontrarem casos de crianças que perdem pais ou familiares durante este período, e assim como a família enlutada, há certo temor de conversar com elas sobre o ocorrido, por ter-se a impressão de que talvez isso as deixe ainda mais entristecidas, e a tendência dos adultos é tentar poupá-las deste sofrimento.

Portanto, este trabalho de pesquisa tem como objeto de estudo o luto infantil,

com o propósito de investigar e analisar as respostas de crianças mediante a exposição de figuras que fazem alusão ao tema, com a finalidade de coletar informações acerca das concepções que a criança tem a respeito da morte e como se dá a manifestação de seus sentimentos em relação a perdas significativas, fazendo uma análise a partir do contexto teórico pesquisado.

2 CONCEPÇÕES DA MORTE DENTRO DE UM CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

Desde os primórdios da história, o conceito de morte sempre foi um assunto envolto em mistérios, crenças, rituais e forte influência religiosa. Muitas civilizações acreditavam na ritualização como forma de preparar o moribundo para a sua viagem final, e havia uma simbologia em torno disso.

Entre as muitas culturas e crenças de povos acerca dos rituais do luto, destaca-se o trabalho de antropólogos sobre os rituais fúnebres e suas três principais funções, aqui citadas por Bowlby (1973, p. 132-133):

A primeira é a ajuda que proporciona aos enlutados, por exemplo, auxiliando-os a lidar com a sua incerteza, fazendo-os encarar que a perda de fato ocorreu, dando a oportunidade de expressar publicamente o seu pesar e definindo o período adequado de luto, de fixar um termo a ele. Além disso, e por meio desses rituais, os enlutados são introduzidos no novo papel social que passam a ter de desempenhar. A segunda função é que o funeral permite a todos os outros membros da comunidade tomar conhecimento público de sua perda e, de uma maneira predeterminada, não só se despedir do morto, como também expressar as fortes emoções de medo e raiva que frequentemente estão envolvidas. Desempenhando uma sequência social e dirigindo o comportamento emocional para canais aceitáveis, os ritos fúnebres servem para manter a integridade da sociedade que continua. A terceira função postulada por Firth, que ele chama de econômica, é a de proporcionar a ocasião de uma complexa troca de bens e serviços entre

famílias e grupos.

A maneira como as pessoas reagem frente à despedida de um ente querido também é um dos acontecimentos mais difíceis ante a percepção humana. O luto geralmente é marcado por sentimentos como sofrimento, angústia, dor e raiva, devido à negação e rejeição da perda.

Se durante muito tempo o posicionamento referente ao luto era envolto de muitos cuidados, pois a pessoa moribunda deveria ser tratada com muito zelo, na presença dos familiares, zelando pelo seu momento de despedida, hoje muito desta concepção se perdeu, principalmente porque perto da morte a pessoa perde, sobretudo, “valor social”, conforme nos diz Kovács (2003, p. 30):

Nesta forma de viver o processo de morte percebem-se duas características principais: a simplicidade das cerimônias e o fato de ser um evento público. O moribundo deveria estar no centro das pessoas, e o maior temor era o de morrer só. Observamos como esta necessidade contrasta com a morte na atualidade, que é fundamentalmente um evento solitário, principalmente quando ocorre em um hospital, dentro de uma UTI.

É notado que hoje há uma contradição quando o assunto é relacionado a mortes, pois todo dia vemos em noticiários, jornais e nas redes sociais, assuntos relacionados a este tema. E apesar disso, quando tem de se enfrentar uma situação deste tipo, as pessoas têm receio de falar sobre o que aconteceu, principalmente com as crianças. Quer dizer, pode-se relacionar o que acontece diariamente e abrir espaços para a conversação sobre a reação das pessoas, como o acontecido referente ao incêndio na Boate Kiss, em Santa Maria, em janeiro de 2012, que resultou, até o momento, na morte precoce de 242 jovens, provocando a consternação e a comoção que envolveram a todos que souberam do ocorrido.

2.1 CARACTERÍSTICAS DO LUTO E SEUS ESTÁGIOS

Caracterizado por ser um sentimento profundo de dor, que, dependendo das circunstâncias, pode durar anos até ser totalmente superado, o luto é, ao longo dos tempos, tema de pesquisas e estudos que procuram compreender o comportamento humano na difícil missão de desligar-se do outro e reaprender a viver sem ele, segundo as observações de Bowlby (1973, p. 4):

A perda da pessoa amada é uma das experiências mais intensamente dolorosas que o ser humano pode sofrer. É penosa não só para quem a experimenta, como também para quem a observa, ainda que pelo simples fato de sermos tão impotentes para ajudar. Para a pessoa enlutada, apenas a volta da pessoa perdida pode proporcionar o verdadeiro conforto; se o que lhe oferecemos fica aquém disso, é recebido quase como um insulto.

O luto é um processo que deve ser vivenciado pelas pessoas, passando por diversas fases até o momento de reequilibrarem suas vidas e partirem para um novo recomeço.

Em regra, o luto representa a dificuldade de aceitar a perda de algo ou alguém que tem valor significativo na vida. E em consequência disso, no caso da morte propriamente dita, há a difícil aceitação da irreversibilidade desta perda, exigindo do enlutado forças para superar uma dor, por vezes, gigantesca, e poder compreender e vivenciar este processo.

As pessoas, durante o luto, tendem geralmente a passar por estágios em que fica evidente o modo como a pessoa elabora uma perda significativa e como faz para transpor estas fases do luto como a aceitação do que aconteceu, sabendo que as reações podem mudar de intensidade de pessoa para pessoa, bem como o tempo de duração de cada uma.

Durante a fase da perda, as pessoas enlutadas tendem a manifestar vários sentimentos, como: raiva, angústia, saudade, temor etc. Segundo Alsop e McCaffrey (1999), os principais estágios do luto são: o choque, em que a pessoa parece estar em “transe”, cujas ações parecem ser “mecanizadas”. Durante este estágio, o tempo de duração pode variar entre horas ou semanas; raiva e sensação de injustiça, estágio em que a pessoa sente a necessidade de culpar ou buscar um culpado pelo que aconteceu e por que aconteceu; tristeza, sofrimento e saudade, fase em que as pessoas ficam muito depressivas, com a necessidade de reviver lembranças recentes, olhar fotografias. Esta é uma parte importante do luto que deve ser vivenciada de maneira muito particular. Reconstrução é a fase em que a pessoa enlutada começa a retomar sua vida e busca novos interesses e a companhia das pessoas.

2.2 LUTO INFANTIL

Ao discorrer sobre luto infantil, necessita-se ressaltar sobre o fato de as pessoas, desde o nascimento, estabelecerem laços afetivos, que, conforme seu desenvolvimento, podem ser intensificados ao longo da vida. Geralmente esses laços traduzem um sentimento de segurança e proteção que o indivíduo necessita para viver. Nisso se baseia a Teoria do Apego, aqui descrita por Bowlby (1973, p. 39):

No curso de um desenvolvimento sadio, o comportamento de apego leva ao desenvolvimento de laços afetivos ou apegos, inicialmente entre a criança e o progenitor e, mais tarde, entre adulto e adulto. As formas de comportamento e os laços a que levam estão presentes e são ativos durante todo o ciclo vital (e não se limitam, de modo algum, à infância, como supõem outras teorias).

Quantas vezes não nos deparamos com a cena de uma criança chorando por não querer ficar longe da mãe ou de um parente próximo? Isso é bastante

percebido em situações de separação, inclusive na Educação Infantil durante o período da adaptação, pois esses pequenos afastamentos somente comprovam a importância referencial do adulto para a criança, para sentir-se segura e protegida, segundo Kovács (1992, p. 3):

A morte faz parte do desenvolvimento humano desde a mais tenra idade. Nos primeiros meses de vida a criança vive a ausência da mãe, sentindo que esta não é onipresente. Estas primeiras ausências são vividas como mortes, a criança se percebe só e desamparada. Efetivamente não é capaz de sobreviver sem a mãe. São, no entanto, breves momentos ou, às vezes, períodos mais longos, porém logo alguém aparece. Mas esta primeira impressão fica carimbada e marca uma das representações mais fortes de todos os tempos, que é a morte como ausência, perda e separação, e a consequente vivência de aniquilação e desamparo.

A experiência do luto pode ser muito traumática para a criança, pois pode envolver mudanças durante a sua rotina familiar. Nesses casos, o diálogo e o apoio emocional são essenciais para a criança poder elaborar a passagem do luto, segundo Raphael (1984) apud Parkes (1998, p. 155):

Há, portanto, muitos fatores estressores enfrentados pela criança que perde alguém com quem tem fortes vínculos de apego. A morte em si causa desorganização e, com frequência, é assustadora para a criança. A ameaça à continuidade à vida familiar provoca maior insegurança. No entanto, com o apoio adequado do pai ou da mãe sobrevivente, ou de outros parentes, poderá enfrentar o trauma. Sua vida e o desenvolvimento dentro da família continuarão.

Muitas vezes a família da criança enlutada procura evitar falar no assunto. É difícil até para os próprios familiares lidarem com essa situação, e a forma como costumam agir é “fugindo” deste assunto, poupando a criança de maiores esclarecimentos; mas a criança, desde pequena, já faz suas

observações e é necessário que haja apoio para conversar sobre o ocorrido, de forma simples e natural para o seu entendimento, segundo Kovács (1992, p. 49):

A questão da origem da vida e da morte está presente na criança, principalmente no que concerne à separação definitiva do corpo. Ela tem uma aguda capacidade de observação e quando o adulto tenta evitar falar sobre o tema da morte com ela, a sua reação pode ser a manifestação de sintomas. Ao não falar, o adulto crê estar protegendo a criança, como se essa proteção aliviasse a dor e mudasse magicamente a realidade. O que ocorre é que a criança se sente confusa e desamparada, sem ter com quem conversar.

Em razão disso, fica então um alerta, o cuidado para não utilizar uma linguagem com metáforas ou eufemismos, pois se inventar que a pessoa “viajou” ou “foi para o céu”, no momento em que a criança entender a verdade provavelmente ficará frustrada e o sentimento de dor será maior. O certo é procurar refletir com a criança sobre o que aconteceu, de modo que ela mesma comece a compreender o sentido daquela perda e consiga elaborar o luto, em referência à linguagem “fantasiosa” utilizada por muitas famílias.

Falar sobre o tema morte com crianças sempre vai exigir um posicionamento cuidadoso, ao mesmo tempo em que é aconselhável não usar de uma linguagem com metáforas, para não criar ideias que as deixem mais confusas sobre o que aconteceu. Há toda uma questão acerca da irreversibilidade da morte para a qual a criança precisa ser preparada, pois é difícil conceber que nunca mais vai poder ver, falar ou tocar aquela pessoa. Segundo Bowlby (1973, p. 286-287):

Em diferentes famílias, e diferentes ambientes culturais, as explicações dadas a uma criança sofrem enorme variação. Num extremo, temos as ideias de reencarnação universal e de intenções divinas; no outro, ideias da irreversibilidade da morte e o papel das causas naturais.

Entre esses extremos está uma grande variedade de crenças, inclusive muitas que estabelecem distinção entre a morte do que consideramos formas superiores e formas inferiores de vida.

É sempre delicado falar sobre a morte, sobretudo porque as crianças têm como base de vida tudo o que aprendem com os adultos. Então, o modo como os adultos vierem a se manifestar talvez seja muito difícil para seu nível de compreensão, tanto que, por vezes, é percebido elas manifestarem o que estão sentindo através de desenhos, ou brincando de “funeral”.

Assim, é necessário que a criança, desde cedo, seja orientada para entender que a morte é parte do processo natural da vida, aproveitando situações no dia a dia para embasar e concretizar este pensamento, como nos orienta Marini (2007, p. 14):

Se prestássemos mais atenção nas crianças e em suas brincadeiras, perceberíamos que elas lidam com o luto de forma natural e até nos dão lições de vida quanto ao assunto. Estou falando de situações comuns no dia a dia de uma criança, que até parece bobagem, mas na realidade vão estruturando o lado emocional, fazendo-a aprender a elaborar as perdas. Por isso é muito importante para as crianças adquirirem um bichinho de estimação, seja ele qual for, para aprender a criar laços afetivos e vínculos, e desta forma das condições emocionais, para a criança estabelecer relações de ganhos e perdas como algo natural da vida.

Seguindo este mesmo conceito, temos a confirmação de que o ser humano consegue se adaptar melhor a situações aflitivas no momento em que dispõe de saberes e situações que o prepararam para enfrentá-las. Segundo Bowlby (1973, p. 286):

No curso natural da vida, mesmo as crianças muito pequenas encontram exemplos de morte – um besouro morto, um camundongo morto, um pássaro morto. O fenômeno é intrigante. Ao contrário de todas as experiências anteriores com o animal, a criatura

morta está imóvel e não reage a nada do que lhe é feito. Em geral, isso provoca curiosidade. O que aconteceu? Será que está dormindo? Como colocá-lo em atividade? Nenhuma criança fica muito tempo nessas circunstâncias sem explicação, que lhe é dada por um adulto ou outra criança. A partir dessas explicações, ela desenvolve suas próprias ideias.

Portanto, subentende-se que, apesar de parecer uma difícil tarefa informar para a criança a morte de uma pessoa que lhe foi importante, isso é vital e necessário e deve ser conduzido da maneira mais franca e clara, adequada aos seus níveis de compreensão.

2.3 O APOIO DO PROFESSOR À CRIANÇA ENLUTADA

Durante o período do luto, a dor e a saudade são inevitáveis. No entanto, é necessário que a escola e os educadores busquem alternativas para esclarecer à criança de que a morte é uma consequência natural e procurar estimulá-la para falar sobre o que está sentindo, para então dar o acompanhamento adequado, respeitando e observando suas reações diante do fato.

Mudanças no cotidiano da criança podem interferir drasticamente na condição de elaboração do luto, sendo necessária a intervenção de outras pessoas de suas relações.

Durante o processo do luto, principalmente ao se tratar da morte de um dos genitores, a volta ao cotidiano e as relações familiares podem se tornar muito difíceis para a criança. É importante que durante o período de retorno desta à escola, a rotina escolar se mantenha, para assegurar a ela que, independente dos acontecimentos, a vida continua, e é possível retomar a vida que tinha antes, agora com novas expectativas. De acordo com Alsop, McCaffrey (1999, p. 126-127):

O professor confrontado com uma

criança enlutada precisa, inicialmente, ter expectativas realistas sobre o que deve e pode ser feito para ajudar. Os sentimentos de impotência como espectadores, que todos nós costumamos sentir nesses momentos, são normais. Gostaríamos de poder acabar com o sofrimento, melhorar a situação da criança, e somos tentados a dizer “não chore... não fique triste”; mas o sofrimento e a tristeza devem ser considerados como parte da reação normal do luto. Um importante princípio no trabalho com pessoas enlutadas é o de que o nosso papel como apoiadores é ajudar a pessoa enlutada em sua dor e não procurar eliminá-la ou evitá-la. No trabalho de aconselhamento é frequente afirmar que aquilo que se *é* é tão importante quanto aquilo que se *faz*, e o papel do professor é estar presente, apoiar, escutar, cuidar, amparar e ser uma fonte de força e estabilidade.

Quando nós, educadores, nos dirigimos a uma criança que perdeu alguém querido, fica evidente o sentimento de tristeza e, ao mesmo tempo, a necessidade de confortar essa criança. Ficamos receosos ao tratá-la ou, por vezes, usamos de superproteção, para aliviar sua dor, mas devemos lembrar que a morte é inevitável, e mesmo para a criança é necessário falar abertamente com ela, para que compreenda e assimile como funciona o ciclo da vida.

Na medida em que o professor mostrar-se acessível e recíproco aos sentimentos exteriorizados da criança, oferecerá chances para que ela possa desabafar e, a partir daí, ajudá-la a compreender o que aconteceu, pois se a criança viver presa às lembranças, vai ser mais doloroso e difícil vivenciar a passagem do luto. Segundo Moyles (2010, p. 132):

Se, à medida que o tempo passar, uma criança decidir conversar com você sobre a perda, isso naturalmente é um privilégio. Tente não se preocupar demais em dizer alguma coisa errada. Seja atencioso, escute cuidadosamente e ofereça conforto. O luto é um processo normal e universal, não é um assunto exclusivo de especialistas, nem um assunto a ser hiperteorizado ou hipermedicalizado.

Lembre-se de que a maior parte da ajuda e orientação é feita por pessoas comuns.

É interessante que o professor oportunize momentos de conversação com os alunos sobre estes temas, através de fatos e leituras que façam alusão ao tema, visto que existem bibliografias recomendadas para isso, como, por exemplo: “Fica comigo”, da autora Georgina Martins, que trata sobre os vários tipos de medo das crianças, como o do escuro, de monstros, da solidão etc., e entre eles, a morte.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Foram entrevistados 25 alunos da escola AB. A escola AB caracteriza-se por ser uma escola pública de Ensino Fundamental da zona rural no interior do município de São Jerônimo. As idades estavam entre 9 e 13 anos. A entrevista foi colhida durante os intervalos das aulas, nos recreios.

As entrevistas foram realizadas individualmente, seguindo três etapas. Primeira etapa: a coleta de dados pessoais (nome e idade); segunda etapa: mediante a apresentação de figuras impressas em cartões numerados e do mesmo tamanho, sobre o tema luto infantil. Solicitou-se à criança que expressasse o seu entendimento sobre a figura. As figuras foram apresentadas de modo individual e sucessivamente. O relato foi livre, sem condução de perguntas, para que fosse expresso de modo fluido. Terceira etapa: a entrevista foi acompanhada de pergunta sobre o tema: Quais são as lembranças pessoais que tu tens que se referem à experiência do luto?

Durante as investigações das falas das crianças sobre o luto, foram identificados os elementos que aparecem nas respostas. Em seguida, os elementos identificados foram divididos em categorias: de afeto, de conhecimento, de relações familiares. Os dados obtidos foram analisados e interpretados em um contexto quantitativo, apresentados descritivamente em texto.

Este trabalho, portanto, se propôs a apresentar um estudo sobre o luto infantil através da perspectiva das representações de crianças de uma escola pública no interior do município de São Jerônimo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira figura aparece a imagem de um funeral, retratando o cortejo em um cemitério. Diante desta imagem, 11 das 25 crianças entrevistadas referiram-se a ela com a fala “tristeza”, e não esboçaram outros comentários. Percebeu-se pela reação das crianças que todas apresentaram um comportamento semelhante, que se demonstraram surpresas, assustadas, com olhar fixo na imagem, embora para elas a imagem retratasse pessoas desconhecidas. A figura transpassa a visão da dor, do desconforto e da tristeza que são comuns sentir em uma situação dessas, no entanto, ainda assim elas não souberam elaborar uma resposta mais consistente acerca do que estavam sentindo.

Quanto aos resultados, foi possível perceber, na categoria de análise Cognição, tendo como referência Kovács (1992), de que se pode estabelecer a ideia de que, se a criança não recebe informações sobre o processo do luto, dificilmente ela terá como falar e argumentar sobre o que está sentindo, pois o que ficou evidente é que apesar da morte ser uma consequência natural da vida, muitas das crianças entrevistadas mostraram-se confusas e despreparadas para assimilar uma situação dessas, como é notado na seguinte fala: “É difícil, sinto alguma “coisa” no coração” (H, 10).

Outro grupo de crianças, ainda se referindo à primeira figura, manifestou-se expondo o sentimento da perda de um ente próximo, neste caso, o avô ou avó da criança: “Lembro-me da morte da minha avó” (L, 10); “Quando meu avô morreu” (J, 10); “Quando minha avó morreu entrei em depressão” (ML, 13); “Quando minha avó morreu fiquei um pouco triste” (M, 10). Em relação à categoria

de análise de relações familiares, é possível perceber, na explanação de Moyles (2010), a importância do laço afetivo que a criança tem com a família e como isso pode ser traumático uma vez que esse laço é rompido. A principal preocupação da criança é como se dará a “continuidade” da relação familiar dali em diante, porque para ela a presença dos familiares é a sua base, o seu “porto seguro” e, na maioria das vezes, dependendo de como essa notícia foi absorvida pela família, ela poderá participar ou não do processo do luto. Muitas crianças, quando questionadas sobre o que se lembravam da morte dos avós, não se recordavam do que havia acontecido ou conversado, somente diziam que “[...] foi triste”.

Na relação da categoria de análise de conhecimento, segundo Levenfus (2010), a criança tem uma maneira própria de elaborar o luto, pois ela possui uma capacidade de observação dos fatos, mas para que consiga compreender e vivenciar esse processo é necessário que não se esconda ou tente “camuflar” a veracidade dos fatos, para não comprometer o processo de elaboração do luto em todas as suas fases.

Na segunda figura foi apresentada a imagem de uma mulher chorando sobre um caixão. Desta vez, no montante das 25 crianças entrevistadas, sete disseram “Não sei”, em relação ao que a imagem representava para elas. Também ficou evidente a sensação do desconforto e do despreparo para opinar ou comentar sobre o que significava ou como se sentiam em relação ao que estavam vendo. Em relação à categoria de análise de Afeto, necessita-se citar Kovács (1992), quando afirma que o momento da separação, mesmo que por breves momentos, provoca consequências marcantes no desenvolvimento da criança, e que por isso a representação da morte para ela pode ser acometida do sentimento da separação, do desamparo e ausência, como foi dito anteriormente. A criança não sabe expressar verbalmente aquilo que não vivenciou na prática.

Também ficou evidente o sentimento de tristeza e dor relatado na fala das seguintes crianças: “Sofrimento” (I, 12); “Angústia, tristeza” (E, 10); “Dor” (K, 10); “Saudades” (A, 10), “Desespero” (M, 13); “Pena pela tristeza” (V, 11). Segundo Moyles (2010), as crianças pequenas podem ser afetadas tanto pela consequência do luto quanto pelo sentimento das pessoas envolvidas naquele momento, pois muitos adultos também se sentem desorientados com essa situação. Se o próprio adulto demonstra instabilidade numa situação dessas e omite detalhes do que aconteceu, isso acabará influenciando o comportamento da criança, como se observa na seguinte fala: “Eu fui no cemitério e vi uma mãe conversando com a filha que estava morta” (N, 10). Percebe-se que a criança expressou o sentimento da dor que ela concebeu daquela mãe naquele momento.

5 CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho, é possível ter um posicionamento mais claro a respeito dos conceitos referentes às representações das crianças sobre o luto, e, em consequência, repensar e aprofundar ideias que auxiliem o professor na tarefa de ajudar o aluno enlutado a compreender e superar esta situação.

O resultado das entrevistas feitas pela pesquisa indica que na maioria das respostas ficou subentendido que as crianças não sabem ou não conseguem elaborar uma visão consistente da ideia que fazem da morte, fazendo referência a diversos autores que disseram que a criança somente consegue compreender o que aconteceu na medida em que participa de todo o processo do luto. Percebe-se a omissão de informações, pois muitas crianças, de forma incisiva, citaram a morte de um familiar próximo (avô ou avó), com poucas lembranças acerca do que ocorreu e de forma confusa. De certa forma, surge a necessidade de proporcionar auxílio tanto para o aluno quanto para a família, visto que este é um problema de ordem social, e que tende a mobilizar toda a comunidade escolar. Quando a família sofre e nega à

criança a possibilidade de compreender o que aconteceu, dependendo das circunstâncias, há a tendência deste mal-estar se refletir nas atitudes do aluno na escola.

Desse modo, é necessário que o professor, ciente desta realidade, procure reconhecer e detectar os possíveis problemas de adaptação que podem surgir após o período de luto e assim fornecer apoio e, caso haja necessidade, encaminhar o aluno ao profissional especializado nesta área.

A partir dos resultados desta pesquisa, acredito que seria indicado desenvolver um trabalho em sala de aula relacionado ao tema. O professor inicialmente buscaria recursos (histórias, vídeos) que oportunizassem discutir sobre o luto, respeitando o nível cognitivo de cada criança, e que num primeiro momento possibilitem ao aluno falar de forma espontânea e, posteriormente, fazer um trabalho mais direcionado relacionando os estágios – mais especificamente os sentimentos – vividos durante o processo do luto.

REFERÊNCIAS

- ALSOP, Pipa; McCAFFREY, Trisha. **Transtornos emocionais na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1999.
- BOWLBY, John. **Apego e perda**. Vol. III. Perda, tristeza e depressão. São Paulo: Martins Fontes, 1973.
- KOVÁCS, Júlia Maria. **Educação para a morte: temas e reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003.
- KOVÁCS, Júlia Maria. **Morte e desenvolvimento humano: temas e reflexões**. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 1992.
- LEVENFUS, Schotgues Rosane; SOARES, Dulce Helena Pena. **Orientação educacional ocupacional**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MARINI, Elaine. Conversando sobre a morte com crianças. **Criar**, Revista de Educação Infantil. São Paulo, n.18, p. 14 – 16 dez. 2007.

MOYLES, Janet. **Fundamentos da educação infantil**: enfrentando o desafio. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PARKES, Collin Murray. **Luto**: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.

